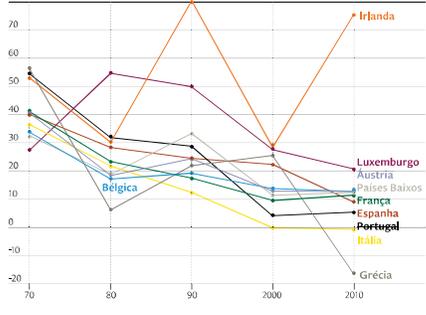


Portugal era uma das lebres da Europa nos anos 70, hoje é uma tartaruga

JOÃO SILVESTRE

O TEMPO PASSA E ECONOMIAS PERDEM GÁS

Crescimento do PIB acumulado por década, em %



Fonte: AMECO/EXPRESSO

CRESCIMENTO ANUAL DO PIB

Em %



A aritmética simples ilustra a impossibilidade: uma economia que cresce 50% em décadas duplica de tamanho a cada 15 anos. Pode acontecer em algumas fases. Já não é normal que os países assim se mantenham durante muitos e longos anos. O PIB português deu um salto de 54% nos anos 70 e não mais repetiu o feito. Acaso tivesse conseguido manter-se aquela velocidade até agora, o PIB português seria hoje quase o dobro do que é. Dateria países como a Bélgica, Áustria ou Irlanda e andaria perto de metade do espanhol, que é hoje cerca de cinco vezes o português. Esta realidade alternativa exigiria que ele se mantivesse à velocidade dos anos 70, quando Portugal era uma das economias mais rápidas da Europa. Contas do Expresso a partir da base de dados AMECO, da Comissão Europeia, mostram que o PIB nacional avançou 54% nos anos 70 e, nessa década, entre os países para os quais existem estatísticas, apenas perdeu para a Grécia, que nessa fase deu um salto de 55,8%.

Portugal era, nesse tempo, uma das lebres da Europa. Mas, ao con-

trário da célebre fábula de Esopo, não ficou parada a descansar à sombra do seu sucesso. Foi pior do que isso. Transformou-se em tartaruga, pois tem vivido anos a marcar passo. É verdade que a maior parte dos países perdeu ritmo nas últimas

décadas, mas Portugal foi dos que mais desacelerou. Nos anos 80 já só acumulou um crescimento de 32,3%. Na década de 90 foram apenas 29,4%. E nas primeiras duas décadas do século XXI tudo piorou: 5,7% e 6,9%. Nos 20 primeiros anos

do novo milénio apenas Itália e Grécia foram piores.

O crescimento português começou a abrandar logo nos primeiros anos da moeda única, mas o ritmo destas últimas duas décadas foi bastante marcado pela crise financeira inter-

nacional, que lançou o mundo numa recessão em 2009, pela crise das dívidas na zona euro, que atingiu particularmente Portugal entre 2010 e 2014, e, mais recentemente, pela pandemia, que em 2020 provocou a maior queda do PIB em muitas décadas. Ainda assim, o nosso país sai a perder para a quase totalidade dos países europeus, a crescer apenas cerca de metade do conjunto dos Estados da moeda única. A perda de velocidade, que se traduziu em divergência com a União Europeia e com a zona euro na maior parte dos anos do século XXI, ainda que tenha havido convergência nos últimos anos, coincidiu com uma forte desaceleração do stock de capital da economia, que é fundamental para o crescimento económico. Nas décadas de 70, 80 e 90 o capital cresceu sempre acima de 4% ao ano, fruto do investimento, mas nas últimas duas décadas caiu drasticamente para 2,8% na primeira década do novo milénio e até para valor negativo (-0,2%) na segunda. O que significa que, nos últimos anos, não houve sequer investimento suficiente para manter o stock de capital. Também a produtividade caiu e é hoje cerca de um quarto do que era nos anos 70.

silvestre@expresso.imprensa.pt



Em 1973, o sector primário valia quase 11% da riqueza criada no país. Agora, vale menos de 3%. FOTO: RUI OCHOA

50 anos da economia portuguesa pelos olhos do Expresso

A partir da próxima semana, o Expresso irá recordar os momentos mais marcantes da economia portuguesa no último meio século. Uma viagem para rever a evolução do país desde 1973, o ano de nascimento do jornal. Semanalmente, recordaremos os acontecimentos mais relevantes de um ano, onde revisitaremos notícias que foram publicadas, veremos as capas do Expresso e falaremos com os protagonistas. A começar, a partir de dia 13, com o ano 1973 e o primeiro choque petrolífero em destaque. Serão 50 semanas a retratar estas cinco décadas de enormes mudanças em Portugal. Com passagens pelos programas do Fundo Monetário Internacional, pelas crises financeiras, pelo nascimento do euro, pela nacionalização e reprivatização da banca e, mais recentemente, pela intervenção da troika.

1973 Choque petrolífero motivado pelo embargo decretado pelos países árabes leva à escassez de combustíveis e faz disparar a inflação para 20,1%

1974 Revolução provoca convulsão na economia com saída de divisas

1975 Avanço a nacionalização de bancos e grandes empresas

1977 Portugal pede ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI)

1983 Segundo pedido de ajuda internacional ao FMI

1985 Nascem o BPI e o BCP, os primeiros bancos privados após a Revolução de 1974

1986 Portugal adere à Comunidade Económica Europeia (CEE)

1987 Derrocada das Bolsas em outubro

1989 Início das privatizações

1992 Liberalização do mercado de telecomunicações móveis, Telecel arranca

1993 Mercado Único Europeu, com a abolição de fronteiras para mercadorias e capitais

1995 É inaugurada a fábrica da Autoeuropa em Palmela. Começa a privatização da Portugal Telecom

1997 Avança a primeira fase da privatização da EDP, considerada o início do capitalismo popular em Portugal

1999 Adesão ao euro. Nos três primeiros anos a moeda única europeia apenas foi utilizada para fins contabilísticos; um euro valia 200,482 escudos. António Champalimaud vende o seu grupo financeiro

2002 A 1 de janeiro entram em circulação as notas e moedas do euro

2004 É inaugurada a central hidroelétrica de Alqueva. Semapa vence privatização da Portucel

2005 Operação Furacão leva a buscas em bancos

2006 A Sonae lança uma oferta pública de aquisição sobre a PT e o BCP sobre o BPI. Ambas falham

2007 Três fundos do BNP Paribas sucumbem com o início da crise do crédito imobiliário de alto risco nos EUA (subprime)

2008 Série de falências no mundo financeiro, com destaque para o banco norte-americano Lehman Brothers. Nacionalização do BPN; intervenção no BPP

2010 A Grécia em risco de bancarrota recebe um empréstimo do FMI, a Irlanda também pede apoio

2011 A 6 de abril Portugal avança para o pedido de ajuda ao FMI. A China Three Gorges compra 21,25% da EDP

2012 A chinesa State Grid compra 25% da REN, o grupo brasileiro Camargo Corrêa passa a controlar a Cimpor e a francesa Vinci compra a ANA

2013 Privatização dos CCT

2014 Ricardo Salgado é detido; o BES é intervenido pelo Banco de Portugal

2015 A PT é comprada pelo grupo Altice e a TAP é vendida aos empresários David Neelam e Humberto Pedrosa

2016 A conferência Web Summit realiza-se em Lisboa pela primeira vez

2017 Aumento de capital no BCP leva a chinesa Fosun a deter 23,5%, a angolana Sonangol é o segundo maior acionista. O espanhol CaixaBank passa a controlar o BPI e o Novo Banco é vendido à americana Lone Star

2018 O unicórnio português Farfetch entra na Bolsa de Nova Iorque em setembro

2020 A pandemia leva a pesadas restrições em todo o mundo. O PIB português cai 8,4%. Efacec é nacionalizada. Estado reacquiere a maioria da TAP

2021 O banqueiro João Rendeiro foge à justiça e é detido na África do Sul. No ano seguinte morre na prisão

2022 A Guerra na Ucrânia leva ao disparo da inflação e dos juros. Portugal chega a dezembro com uma

Como era a economia portuguesa há 50 anos

Pobre, agrícola e com polos industriais, virada para dentro e uma população muito pouco qualificada. Era este o retrato da economia portuguesa em 1973. Cinco décadas depois, muito mudou. "Tornámos mais europeus", apontam os economistas. Os serviços tornaram-se dominantes, numa economia muito mais virada para fora, integrada na União Europeia (UE), com forte melhoria nas qualificações e nas condições de vida. Mas a convergência económica tem sido um problema nos últimos 20 anos, com o país a ser ultrapassado por vários parceiros europeus.

As transformações são profundas. Em 1973, nas vésperas da Revolução, sector primário e indústria representavam, em conjunto, 38,5% do valor acrescentado bruto (VAB) da economia portuguesa. Em 2021, esse valor tinha caído para 20,2%, e os serviços valiam mais de 75%. Ao mesmo tempo, o investimento perdeu peso no produto interno bruto (PIB), com exportações e importações a ganharem importância, bem como o consumo privado e público (ver gráficos). Hoje, a economia portuguesa "é muito menos baseada no sector primário, menos baseada no sector secundário, com maior presença de serviços públicos, mais dependente do turismo e com maior peso de atividades intensivas em conhecimento (em particular nos serviços)". É também uma economia muito mais integrada nas dinâmicas internacionais, tanto ao nível do comércio como do investi-

Mudanças acompanhadas por "uma melhoria dramática" nos recursos humanos, destaca Pedro Brinca, professor da Nova SBE. No início dos anos de 1970, um em cada quatro portugueses não sabia ler ou escrever. Por comparação, em 2021, 28,3% da população entre os 15 anos e os 64 anos tinham formação superior, muito próximo da média da UE.

Doas décadas a marcar passo

Em 1973, "Portugal era um país pobre, com uma população muito pouco qualificada. As condições de habitabilidade eram, para muitos, degradantes. Muitos emigravam em busca de melhor vida ou não terem de combater na guerra colonial, que tomava conta de fatia importante da despesa pública", lembra Miguel St. Aubyn, professor do ISEG e membro do Conselho das Finanças Públicas. Hoje, "temos uma economia e sociedade democráticas, plenamente integradas na Europa, com uma população mais instruída, e com condições de vida, tanto no acesso a bens materiais, à habitação, à educação, a cuidados de saúde, e a diversos bens públicos", vinca. Também "o tecido empresarial é mais concorrencial e próximo das melhores práticas". Nestes 50 anos "tornámos-nos mais europeus", diz o economista. Mas, "somos europeus pobres. Os nossos rendimentos, nomeadamente salariais, são bem inferiores aos que caracterizam a média da UE", alerta Miguel St. Aubyn. O balanço destes 50 anos é "globalmente positivo" para Ricardo Paes

Serviços tornam-se dominantes

Posição relativa de atividade no Valor Acrescentado Bruto, em percentagem



Fonte: SÉRIES LONGAS PARA A ECONOMIA PORTUGUESA (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E BANCO DE PORTUGAL) E CÁLCULOS EXPRESSO

Investimento perde peso no PIB, frente externa reforça

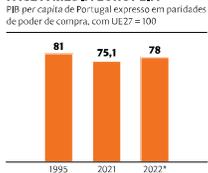
Indicadores da despesa nacional em percentagem do PIB



Fonte: SÉRIES LONGAS PARA A ECONOMIA PORTUGUESA (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E BANCO DE PORTUGAL) E CÁLCULOS EXPRESSO

PIB per capita abaixo de 1995 face à média europeia

PIB per capita de Portugal expresso em paridade de poder de compra, com UE27=100

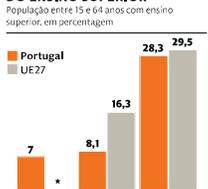


*Tendências em conta as projeções do outono de 2022 da Comissão Europeia

Fonte: AMECO/INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA

Forte expansão do ensino superior

População entre 15 e 64 anos com ensino superior, em percentagem



*dados da média da UE em 1998 não disponíveis

Fonte: EUROSTAT

serviços de maior qualidade a preços mais acessíveis à maioria da população; empregos mais bem remunerados e de maior qualidade; serviços públicos quase universais; e produtos de maior valor acrescentado e mais competitivos à escala internacional". Contudo, lembra o "traco desemprego das últimas duas décadas", com "dificuldade em ajustar-se ao alargamento da UE a Leste, à presença hegemónica da China no comércio internacional, e à criação do euro". Pedro Brinca aponta "melhorias brutais em indicadores básicos de nível de vida", como água canalizada, rede de esgotos, ou mortalidade infantil. Contudo, "não há convergência social sem convergência económica e esta tem sido um problema nos últimos 20 anos", vinca. Como resultado, Portugal "foi ultrapassado por países europeus, principalmente a Leste". Evolução onde pesa o défice de intensidade de capital da economia portuguesa, penalizada pela "descida acentuada da taxa de poupança" e pelo "aumento brutal do endividamento público", diz o economista. A redução da poupança em favor do consumo foi uma das grandes alterações comportamentais das famílias portuguesas. Evolução que, para Joana Pais e Sandra Maximiano, professoras do ISEG, "a adesão a CEE — atual UE —, com forte impacto positivo nas expectativas dos portugueses, e os anos que se seguiram, marcados por um forte crescimento económico e pelo desenvolvimento do Estado social", ajudam a explicar.